



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADE
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

DANIELA SANTOS DE PONTES

**A MORTE E A ANCESTRALIDADE: EM *UM RIO
CHAMADO TEMPO, UMA CASA CHAMADA TERRA DE
MIA COUTO***

GUARABIRA

2014

DANIELA SANTOS DE PONTES

**A MORTE E A ANCESTRALIDADE: EM *UM RIO*
CHAMADO TEMPO, UMA CASA CHAMADA TERRA DE
MIA COUTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
Curso de Graduação Letras da Universidade
Estadual da Paraíba, em cumprimento à
exigência para obtenção do grau de
Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Rosilda Alves Bezerra

GUARABIRA

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

P813m Pontes, Daniela Santos de
A Morte e a ancestralidade [manuscrito] : Em Um rio Chamado Tempo, uma Casa Chamada Terra de Mia Couto / Daniela Santos de Pontes. - 2014.
22 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.
"Orientação: ROSILDA ALVES BEZERRA, Departamento de LETRAS".

1. Morte. 2. Ancestralidade. 3. Mia Couto. I. Título.
21. ed. CDD 801.951

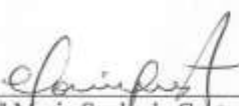
DANIELA SANTOS DE PONTES

**A MORTE E A ANCESTRALIDADE: EM UM RIO
CHAMADO TEMPO, UMA CASA CHAMADA TERRA DE
MIA COUTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação
Licenciatura Plena da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à
exigência para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Aprovada em 18 de Julho de 2014.


Profª Drª Rosilda Alves Bezerra / UEPB
Orientadora


Profª Drª Maria Suely da Costa / UEPB
Examinadora


Profª Drª Maria Neni de Freitas / UEPB
Examinadora

A MORTE E A ANCESTRALIDADE: EM *UM RIO CHAMADO TEMPO, UMA CASA CHAMADA TERRA DE MIA COUTO*

RESUMO

Este trabalho objetiva analisar a simbologia da morte na cultura africana como uma analogia a ancestralidade e a formação de culturas em Moçambique no romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (2003) de Mia Couto, procurando observar no personagem Marianinho como uma figura responsável pela continuidade da tradição deixada com a morte do ancestral Dito Mariano. Utilizamos os estudos de Bezerra (2012), Ferreira (2007), Silva (2010), entre outros, que nos possibilitem mostrar que por trás dos personagens, o autor procura enaltecer as tradições moçambicanas sem deixar de lado o valor à cultura do colonizador com isso tornar uma Moçambique em reconstrução de culturas.

Palavras-chave: Morte. Ancestralidade. Mia Couto

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo principal analisar o romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (2003), do escritor moçambicano Mia Couto, abordando, especificamente, a tradição de Moçambique como constituinte de uma nação que se encontra em período de restauração da cultura entre o tradicional e o moderno.

O autor utiliza a literatura como representação social, de diferentes sujeitos, que compõem uma Moçambique em (re)construção cultural. Nessa obra de Mia Couto explicita uma convivência com a tradição, as histórias e modos de ser dos moçambicanos, esses transitam pelas suas narrativas caracterizando o autor em questão como sujeito comprometido com uma literatura nacional apresentando seus discursos voltados aos temas da nação, do passado colonial, das histórias dos mais velhos num espaço em trânsito: pois, costumes diferentes e culturas também diferentes convivem no caótico ambiente em que tradição e modernidade andam em tensões e trânsitos identitários.

A partir do encontro entre Marianinho e o ancestral Dito Mariano ocorre uma transformação de identidade no narrador-personagem Marianinho. Essa Moçambique e sujeitos são muito bem retratados nas histórias e personagens de Mia Couto. Segundo Teixeira e Bezerra (2012, p.3), “Suas narrativas recriam a humanidade e lhe devolvem a beleza de um mundo atravessado pela colonização que se reinventou”. Observaremos a relevância do aspecto sociocultural de sujeitos na literatura em Moçambique e conheceremos um conjunto de valores e culturas na visão de um escritor, que vivenciou o sofrimento, as guerras e um desejo de reconstrução nesse país.

O presente trabalho busca investigar a temática da morte e da ancestralidade, considerados no romance de Mia Couto. Para isso, utilizaremos como apoio Chaves (2010), enfocando o respeito às tradições no personagem-narrador, Marianinho. De acordo com Nascimento e Ramos (2011), as tradições vivem no respeito e reverência aos antepassados. Em seguida, observaremos as transformações de identidades vivenciadas pelo narrador no retorno à Ilha de Luar-do-Chão, sendo utilizados textos relacionados às questões identitárias (HALL, 2001).

A temática da morte na cultura africana mostra que esta não é vista como o fim, mas uma passagem entre dois mundos. Para entendimento dessa temática, utilizaremos o apoio dos estudos de Bezerra (2012), Amorim (2012), Ferreira (2007), os quais dialogam sobre a visão da morte na cultura africana. Observaremos a teimosia na temática da morte de Dito Mariano e as ações e reflexões do narrador-personagem Mariano diante dessa quase-morte do avô.

A terceira abordagem será sobre a loucura como fuga de um passado frustrado, marginalizado e não desejado para criar um presente aceitável. Assim, analisaremos a simbologia dos nomes de alguns personagens no romance, para isso recorreremos a Catarella (2011) examinando a invenção de curiosos e estranhos nomes, dados pelo autor Mia Couto. Destacaremos os nomes de Miserinha e Tio Abstinência relacionando seus nomes com as informações antropológicas. Em seguida, observaremos a relação do rio e a terra, e do rio e o homem, analisando o respeito dos homens a natureza que é vista como sagrada, possuindo características físicas e psicológicas e força para punir os que a desrespeitam como ser sagrado. (SILVA, 2010)

Levando-se em consideração esses aspectos, este trabalho faz um estudo sobre a morte no romance, evidenciando que a ancestralidade é a nossa via de identidade histórica, sem ela, não sabemos o que somos e nunca saberemos o que queremos ser, tradições que se encontram renovadas e ressignificadas fazendo uma analogia a Moçambique que reconstrói sua identidade e valores a partir da integração dos costumes modernos com os tradicionais, respeitando, assim, as constantes transformações dos sujeitos. Constatamos também que a morte não remete ao fim, mas remete a continuidade da vida em uma outra dimensão, e à tradição herdada dos ancestrais.

ANCESTRALIDADE NO ROMANCE DE MIA COUTO

A Ancestralidade no romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (2003) está presente no respeito às tradições. Tudo começa quando o ancestral Dito Mariano, mais velho dos Marianos, entra catalepsia, um mistério para a ciência, um estado de quase morte e, logo depois teve óbito. Por essa razão seu neto Mariano, mais conhecido como “Marianinho”, estudante que mora na cidade, retorna a Ilha, depois de muito tempo fora ele regressa para conduzir as cerimônias fúnebres de seu avô, todavia com o tempo ele vai descobrir que seu retorno acontece também para reestabelecer à harmonia na família e reafirmar as tradições.

Na cultura Moçambicana os ancestrais são vistos com respeito, porque eles carregam a cultura, as tradições do povo. Criziane (2001) e Ferreira (2007) afirmam que não existe novo sem velho, pois o velho traz a herança ao novo e consequentemente, o novo tem origem no velho, por isso não se pode olhar a descendência sem antes observar o passado. Marianinho, o personagem-narrador, é visto na narrativa como o encontro da modernidade com a tradição, visto que este fica tempo fora da Ilha e absorve a cultura da cidade. Por outro lado, o seu retorno simboliza o encontro cultural, da cultura do avô (tradição) com a do neto (moderno), esse encontro o encarrega de fazer renascer a ilha de Luar-do-Chão e seus familiares. Este período do romance identifica-se com a própria história de Moçambique, que passou por períodos de guerras, pelo

colonialismo e pós-colonialismo. Assim, Chaves (2010) tece considerações sobre o contexto histórico de Moçambique, um país de sujeitos fragmentados pelas guerras étnicas, coloniais e pela grande guerra civil de pós-independência, na colisão dos valores da cultura tradicional africana com a cultura das sociedades modernas. Hoje as culturas estão em diálogo, convergindo valores, os limites que antes existiam, logo não mais existirão.

Após a morte do avô, Marianinho recebe cartas anônimas, pelas quais o avô Mariano revela segredos sobre sua família, assuntos mau resolvidos, desta forma, rememorando tradições e fazendo com que Marianinho conheça todos os conflitos existentes dentro da casa de cada um dos familiares e ajudando a todos eles a solucionarem as desordens internas e desta forma ele conhecerá seu lugar, sua casa, que no romance em questão, é visto como o respeito às tradições, as culturas e a ancestralidade. Dito Mariano simboliza a tradição, o encontro com os ancestrais é o encontro desta tradição com o pós-colonialismo em Mariano, esta dualidade no romance harmoniza-se e reconstrói uma identidade no narrador-personagem, respeitando e conservando a cultura dos ancestrais, pois segundo o próprio avô Mariano: “O importante não é a casa onde moramos. Mais onde, em nós, a casa mora.” (COUTO, 2003, p. 53). Desta forma, através do encontro de culturas diversas entre si, Marianinho atinge o desiderato que seu avô lhe propõe que é o de estabelecer a harmonia psicológica e social entre os familiares e reestruturar a Ilha de Luar-do-Chão dos desméritos da vida. Assim, Dito Mariano enfatiza: “Cada um tem seus segredos, seus conflitos lhe deixarei conselhos para guiar as condutas dos seus familiares”. (COUTO, 2003, p.126). Dado o exposto, vislumbra-se a possível existência da harmonia entre culturas e gerações simbolizadas por Dito Mariano e Marianinho, que restabelece na família o sossego, pois já não existiam mentiras e falsidades. Essa harmonia contribuiu para a continuidade da tradição na Ilha de Luar-do-Chão.

RESPEITO ÀS TRADIÇÕES: O RETORNO DO LAR

Marianinho recebe a notícia da quase morte de seu avô pelo seu tio Abstinência. Por ser o filho mais velho de Dito Mariano, segundo as tradições,

deveria anunciar a morte de seu pai e este avisa Marianinho na cidade sobre o falecimento “munumuzana” (o mais velho da família). Esse retorna na companhia de seu tio a Ilha Luar-do-Chão assim como manda a tradição para conduzir os rituais de morte do seu avô Dito Mariano: “A bordo do barco que me leva à ilha de Luar-do-Chão não é senão a morte ditando suas ordens.” (COUTO, 2003, p.15). No caminho de volta a sua terra natal, Marianinho começa a ficar triste como a “quase morte” do ancestral dos Marianos, com isso, o jovem começa a pensar em uma forma de ser dispensado das cerimônias, ou seja, escapar das suas tristezas por causa da ausência de seu avô, mas logo surge na memória as lembranças ligadas a Marianinho a sua terra natal: “A ilha era a nossa origem, o lugar primeiro do nosso clã, os Malilanes. Ou, no aportuguesamento: os Marianos.” (COUTO, 2003, p.18)

Ao chegar à Ilha, Marianinho com o Tio Abstinência, o estudante depara-se com uma tradição que dela não pode fugir, eles não podem cumprimentar seus familiares antes de cumprirem um costume antigo, reverenciar o rio que simboliza uma força sobrenatural que possui poder sobre os vivos.

Quando me dispunha a avançar, o Tio me puxa para trás, quase violento. Ajoelha-se na areia e, com a mão esquerda, desenha um círculo no chão. Junto à margem, o rabisco divide os mundos- de um lado, a família; do outro, nós, os chegados. Ficam todos assim, parados, à espera. Até que uma onda desfaz o desenho na areia. (COUTO, 2003, p.26)

Chegando a Nyumba-Kaya, assim como é chamada a casa Malilanes, Marianinho depara-se com a residência sem telhado assim como exige a tradição, que em caso de morte, “O luto ordena que o céu se adentre nos compartimentos para a limpeza das cósmicas sujidades.” (COUTO, 2003, p.28). O retorno de Marianinho ao lar provoca nele um embate entre identidades e culturas, visto que o personagem possui uma identidade de “cidadino”, mas no decorrer do romance, demonstra respeito aos mais velhos dos Marianos e, conseqüentemente, à tradição, contribuindo para a reconstrução da sua identidade. Assim, Marianinho afirma: “Ter um avô assim era para mim mais que um parentesco. Era um laço de orgulho nas raízes mais antigas”. (COUTO, 2003, p.43-44). Neste contexto, fica evidente o respeito de Marianinho às tradições. Na cultura moçambicana, as tradições respeitam e

valorizam os mais-velhos, pois estes carregam conhecimentos. De acordo com Nascimento e Ramos:

No contexto moçambicano, assim como ocorre em boa parte do continente africano, as tradições vivem e se expressam no respeito aos mais-velhos, na importância atribuída à palavra falada, [...] e valorizar elementos da natureza, na reverência aos antepassados e demais elementos que identificam a formação de África. (NASCIMENTO e RAMOS, 2011, p.07).

À medida que Marianinho respeita e sente orgulho do avô ele valoriza a tradição moçambicana, pois é através do encontro dos descendentes com os ancestrais, no caso Marianinho com Dito Mariano, que as tradições sobrevivem e continuam mesmo que em constantes transformações.

TRANSFORMAÇÕES CULTURAIS VIVENCIADAS POR MARIANO

Percebe-se no primeiro momento o choque cultural vivenciado pelo narrador-personagem, Marianinho ao chegar à ilha de Luar-do-Chão, por motivo da morte do seu avô Dito-Mariano. Na partida de Marianinho para a cidade, seu avô chorava e já dizia: “Quando voltares, a casa já não te reconhecerá” remetendo à transformação de identidade que seu neto sofreria na cidade. Assim, no regresso, o narrador depara-se com Nyumba-Kaya (as duas palavras representam “casa” a primeira para línguas nortenhas e a segunda para os idiomas do Sul), onde estão todos os familiares para as cerimônias fúnebres. Marianinho não é reconhecido e não se reconhece: “Há anos que não visito a ilha. Vejo que se interrogam: eu, quem sou? Desconhecem-me. Mais do que isso: irreconhecem-me. Pois eu, na circunstância, sou um aparente parente. Só o luto nos faz da mesma família” (COUTO, 2003, p.29-30). Em meio ao conjunto de valores e a ausência de modernidade na Ilha serem tão diferentes dos que ele encontrou na cidade. Marianinho diz: “Dói-me a Ilha como está em decadência das casas, a miséria derramada pelas ruas.” (COUTO, 2003, p. 28).

Em um segundo momento, Marianinho se depara com um interrogatório por parte da avó Dulcineusa e tios: “querem saber se eu já atingi a idade de

luto”, e se possuía “doenças”, consideradas desobediências, desrespeitos à tradição assim como pergunta a avó Dulcineusa: “Você já engravidou alguma moça?”. (COUTO, 2003, p.32). Esses questionamentos a que Mariano é submetido eram para saber se ele poderia ir ao funeral. O narrador-personagem se depara com outra tradição diferente da sua identidade cidadina, como fala Marianinho “[...] Afinal, a ideia dos fantasmas, esses mal-morridos, está ainda bem presente em mim, cidadão que sou”. (COUTO, 2003, p. 44). Ele foi enviado muito cedo para a cidade longe de suspeitas e culpas da sua origem, e para não se revelar através das suas fisionomias o seu verdadeiro pai fica muito tempo afastado da Ilha com disse Dito Mariano: “Mas com o tempo o menino, foi ganhando feições. [...] ao pensar que esse moço ia revelando a identidade do pai verdadeiro.” Com isso o narrador-personagem possui uma cultura diferente de Luar-do-Chão, assim dizia Dito Mariano: “quem parte de um lugar tão pequeno, mesmo que volte, nunca retorna” (COUTO, 2003, p.45).

Logo depois começa a reconhecer a família, a casa e os mistérios que envolvem os enigmas em Luar-do-Chão. Através de cartas anônimas que Marianinho recebe, vai reconhecendo a si, a Ilha e a família por meio de cartas que revelam segredos, tais como: crimes e “doenças”, que foram contraídas pelo encontro de pessoas da Ilha (rural, tradicional) com a Cidade (moderno) trazendo consequências para elas tais como: à terra que é vista como sagrada e fértil em meio à mentira vai vingar-se das pessoas com o fechamento do chão. Sendo assim, Marianinho vai tentado desvendar e descobrir os mistérios da Ilha, fundindo sua identidade com o moderno e com o respeito ao tradicional, desta forma guardando e perpetuando a cultural dos ancestrais. Segundo Flexa (2013, p.04) a união entre o conjunto de valores constitutivos da tradição e a modernidade, vivenciadas por Marianinho na cidade, fazem com que o sujeito perca seu perfil antigo e aproprie-se de outro conjunto de valores culturais. Assim, a formação da identidade de Marianinho está em constante formação no contato com a tradição e o moderno:

[...] a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo

“imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. (HALL, 2001, apud, FLEXA, 2013, p. 08).

A MORTE NA CULTURA AFRICANA: MOÇAMBIQUE

A morte na cultura africana, precisamente em Moçambique é vista como algo contínuo, pois desde que nascemos começamos a morrer. Mas a morte na cultura africana é vista como algo positivo e não remete ao medo. Assim Bezerra (2012, p. 40-41) alude:

Para os povos de origem bantu de Moçambique, a morte não é simplesmente o fim, mas a passagem de um ciclo para outro, um retorno ao mundo dos espíritos. Apesar de seu significado de trânsito entre mundos díspares, a morte é, acima de tudo, uma ruptura e, nesse caráter, produz, de uma certa forma, dor, alívio ou saudade, provocadas pela partida de um familiar querido, ou de alguém que sofria por alguma doença terminal, ou por pessoas que causavam tormento e sofrimento a outros. A morte, assim vista, é necessária e restauradora. Dessa forma, em todos os níveis de existência, no ser humano coexistem a morte e a vida. Uma não é possível sem a outra, ou seja, uma tensão entre duas forças contrárias.

Na verdade a morte é apenas morte do corpo físico, o espírito continua vivo para se juntar aos ancestrais e guiar a vida dos vivos. De acordo com Ferreira (2007, p.300), “Todos morremos progressivamente; a morte é um processo não um estado. E em última análise a nossa vida é o período de tempo que levamos a morrer. A velhice já é a morte.” Sendo assim percebemos que a morte é vista ao mesmo tempo como uma ruptura e uma continuidade pois quem morre continua vivo em um mundo invisível juntos aos ancestrais.

Ferreira (2007) afirma que nas religiões africanas os antepassados em relação à morte são vistos como peças fundamentais e importantes para orientar a vida com seus problemas peculiares. Por isso o velho (ancestral) ao morrer continua a sobreviver na sua sucessão familiar. Quando alguém morre o espírito fica rondando o corpo, por isso a necessidade de rituais fúnebres para mandar este juntar-se os outros espíritos no mundo invisível.

De acordo com Ferreira (2007), existem dois tipos de morte: a boa morte, na qual “se concretiza segundo as normas tradicionais de local”, que

seria morrer na aldeia onde se viveu, morrer de velho e morrer sem sentimentos ruins, como por exemplo o ódio. Quanto à morte má ocorre quando o indivíduo morre longe de sua aldeia e fica sem cerimônias, e sem algum filho que cumpra o ritual, essa morte provoca desordem e impureza.

A morte de um ancião na cultura africana é aceitável, pois, sua morte acontece em tempo natural após um longo período de vida. Após a morte, os ancestrais continuam ligados com os vivos interferindo de forma positiva para manter a ordem natural da vida.

[...] existir uma ligação contínua entre os vivos e os mortos. Os familiares e os vizinhos vêm dizer adeus ao moribundo e chorar a sua partida e, contudo, há continuidade através dos seus filhos e através dos ritos que unem os dois mundos. A morte origina uma impureza ritual, assim como perturba o curso normal da vida; mas não de forma definitiva, uma vez que, realizada a purificação, a vida retoma a normalidade. (FERREIRA, 2007, p.308)

Nesse contexto, Ferreira (2007) afirma que durante os rituais fúnebres o morto é questionado para saber o motivo de sua morte. Todavia, a morte continua sendo um mistério, nada é mais perigoso do que a incerteza de uma vida cheia de desordem do falecido, procura-se pôr fim as forças negativas causadas pelo morto e, assim, fazer uma reparação. Portanto, os rituais e homenagens que os vivos fazem têm como objetivo defender do medo da morte ou desejo de mantê-la distante da vida. Esses rituais são parte de um procedimento que implica no respeito e recolhimento, além de um modo de marginalizar a morte, no qual lavar o morto seria uma maneira de retirar no plano imaginário a impureza da morte. Assim, os rituais fúnebres têm o intuito de purificar e condicionar o destino do espírito. Geralmente essas cerimônias e rituais com o falecido são confiadas às mulheres, pois seus gestos delicados tem a função de tranquilizar. Na tradição, dos Bantos, as pessoas da casa devem seguir um conjunto de interdições em relação à alimentação, ao sexo e à agricultura.

Na cultura africana a terra tem uma simbologia de transformação e funciona como intermediária dos rituais de passagem do morto, a terra é vista como a morada dos antepassados. Nessa perspectiva, Ferreira afirma que “[...] é à terra que são confiados os cadáveres no momento das exéquias fúnebres,

as aparas das unhas, os cabelos dos neófitos e os restos dos seus órgãos excizados ou circuncidados no momento da iniciação, a placenta e o cordão umbilical no momento do nascimento.” (FERREIRA, 2007, p.324).

O CASO DO AVÔ DITO MARIANO E A TEIMOSIA DE NÃO MORRER.

Quando está vivo, Dito Mariano já se considerava um morto-vivo: “Enquanto vivo se dizia morto. Agora que falecera ele teimava em não morrer completamente” (COUTO, 2003, p.37). Percebe-se no romance o culto das religiões africanas nas quais a morte não é vista com negatividade, como fala Mariano: “Em África, os mortos não morrem nunca. Excepto aqueles que morrem mal. A esses chamados de “abortos”. Sim, o mesmo nome que se dá aos desnascidos. Afinal, a morte é um outro nascimento.”(COUTO, 2003, p.30). Assim, Dito Mariano cisma em não morrer, ou seja, em não atravessar os limites dos vivos: “O falecido estava com dificuldade de transição, encravado na fronteira entre os dois mundos.” (COUTO, 2003, p.41)

O médico da ilha, Amílcar Mascarenhas, comunica sobre a quase-morte do avô Dito Mariano, que se encontra “cl clinicamente morto”, em um estado cataléptico “Respira, mas em um nível quase imperceptível. E o pulso está fraco que não o sentimos.” Entretanto, Marianinho descobre que Dito Mariano, só vai morrer completamente, quando consertar os defeitos, as mágoas como orienta, transmitir a tradição, que não realizou enquanto vivo, cabendo ao Marianinho salvar sua família estabelecendo o sossego e a paz entre seus familiares. Então, ele começa a receber cartas de seu avô, num processo de transcrição mediúnica, com revelações sobre o motivo da morte a seus familiares, de seu pai fulano Malta, a sua avó Dulcineusa, os tios Abstinência, Último, Admirança sobre as “doenças” (mentiras, medo da vida). Por isso a terra se fecha para receber Dito Mariano, portanto, o falecimento do avô encontra-se incompleto: “(...) morte era sequente a uma vida mal vivida. Meu avô cometera uma grande ofensa.” (COUTO, 2003, p.159). A terra estava fechada por causa da falta de amor entre as pessoas em Luar-do-Chão e no momento que as pessoas não respeitam e aceitam as tradições, assim falou Dito Mariano: “Está terra começou a morrer no momento em que começamos a ser outros, de outra existência, de outro lugar. Luar-do-Chão morreu quando os

que a governam deixaram de amar.”(COUTO, 2003, p.195). Essa teimosia do falecido em não morrer se dava por motivo de este ser um ancestral, que tem como missão manter a ordem familiar, no entanto; sua família e as pessoas em Luar-do-chão estavam perdendo o respeito às tradições e ao amor.

É só na segunda carta que Mariano descobre o real motivo de retornar a sua terra natal, que não é a morte, mas a vida.

Você não veio a esta ilha para comparecer perante um funeral. Muito ao contrário, Mariano. Você cruzou essas águas por motivo de um nascimento. Para colocar o nosso mundo no devido lugar. Não veio salvar o morto. Veio salvar a vida, a nossa vida. Todos aqui estão morrendo não por doença, mas por desmérito do viver. (COUTO, 2003, p.64)

Nesse caso, a vida aparece como uma necessidade urgente de salvar as pessoas em Luar-do-Chão. O jovem Marianinho representa a oportunidade do nascimento, talvez a sua juventude simbolizasse esperança para uma vida melhor, que pudesse ajudar os mais velhos a se sentirem vivos novamente.

AÇÕES E REFLEXÕES DE MARIANO EM RELAÇÃO À QUASE-MORTE DO AVÔ.

Marianinho com a quase-morte do avô segue em direção à ilha, de encontro a tradição. O próprio nome de Mariano já remete a uma responsabilidade com seu avô, com as tradições da ilha como nas palavras de Abstinência para Marianinho “[...] você recebeu o nome do velho Mariano” (COUTO, 2003, p.22). Portanto, Marianinho não recebeu o nome de seu avô por acaso, mas para respeitar e funcionar como elo entre os dizeres dos ancestrais e a ilha, e esse possui consciência disso “[...] não apenas eu continuava a vida do falecido. Eu era a vida dele.” (COUTO, 2003, p.22). Marianinho relembra algumas tradições entre elas que “seria fatal se, neste tempo de luto, houvesse namoros na casa. Durante as cerimônias se requer a total abstinência. Caso contrário, o lugar ficaria para sempre poluído.” (COUTO, 2003, p.55). Mas ao mesmo tempo Marianinho tem consciência que relações sexuais nesse período são impróprias: “De início, resisto. Estou amarrado à interdição de não se fazer amor em tempo de luto.” (COUTO, 2003, p.112).

Logo depois, nota-se em Mariano um sujeito dividido (tradição/modernidade), uma dicotomia inquietante. Em seguida, Mariano logo se rende ao pensamento citadino “Tudo acontece sem contorno, sem ruído, sem peso. Nunca o sexo me foi tão saboroso” (COUTO, 2003, p.112). Com o tempo percebe-se em Mariano a consciência da valorização e do respeito às tradições, aos ancestrais e assim ao seu avô: “Em mim se instalara a certeza: a minha obrigação era para com o avô Mariano e eu devia cumprir seus recomendamentos.” (COUTO, 2003, p.202). Embora Marianinho possua valores da cidade que se misturam e o tornam um sujeito que tenta zelar pela tradição.

O personagem-narrador fica em busca do motivo para o avô estar entre a vida e a morte, e procura o coveiro Curozero Muando para saber as razões da quase-morte, então o coveiro revela a Mariano “Por fim, ele me acende o entendimento que eu tanto carecia: que aquela morte era sequente a uma vida mal vivida. Meu avô cometera uma grande ofensa.”(COUTO, 2003, p.159). Aos poucos Marianinho descobriu através de cartas com caligrafia do próprio avô Mariano que sua morte foi causada pelo desamor à ilha por isso é necessário que o ascentral Dito Mariano retorne para consertar os desmandos da ilha. Assim revela Dito Mariano ao seu neto sobre os desmandos em Luar-do-Chão provocar nele: “Mas essa ilusão nunca me apaziguou. Nem a mim aos meus antepassados que residem no chão do tempo. A terra não aceita o espinho dessa mentira.” (COUTO, 2003, p. 237)

À medida que Marianinho conhece a tradição, ele reconhece o valor dos antepassados, como em um determinado momento quando indaga sobre o que faria e imagina o que o avô faria. “O que faria o avô naquela circunstância? E penso: é curioso eu procurar inspiração no mais-velhos.” (COUTO, 2003, p.203)

A LOUCURA COMO FUGA: ENTRE O MÍSTICO E A SUPORTA REALIDADE

A loucura no romance é vista como uma forma de fuga da realidade de pessoas fragmentadas por mentiras, desamores e inveja. Dulcineusa, avó de Mariano, é uma personagem que demonstra utilizar da fantasia como fuga

contra o sofrimento e, reconstruindo um passado diferente e desejado. Quando ela pega um álbum de fotografias, ao abrir, seu neto percebe que não existem fotografias, esta então começa a observar o álbum em branco no qual as fotografias só existem na mente de Dulcineusa. O fato é narrado por Marianinho quando diz que tal é a convicção da avó em falar das pessoas que estão nas fotos, que aos poucos também vai acreditando nessa ilusão: “Finjo que acompanho, cúmplice da mentira” (COUTO, 2003, p.49). A avó parece inconformada com o passado e utiliza-se dessa ilusão como fuga da tristeza pela morte de seu marido Dito Mariano, já que as fotografias são lembranças de um momento que gostaria de ter vivido. Assim, como o próprio neto Marianinho afirma: “Afinal, a fotografia é sempre uma mentira.” (COUTO, 2003, p.50). Este menciona que ao pousarmos para uma foto fazemos caras, gestos e sorrisos que não condizem muitas vezes com o que realmente sentimos.

Miserinha é uma personagem cheia de “desvarios” e de fatos místicos. Ela acreditava ter o poder de saber da vida das pessoas pela forma como elas pisavam no chão: “Explica-me que sabe ler a vida de um homem pelo modo como ele pisa o chão. Tudo está escrito em seus passos, os caminhos por onde ele andou.” (COUTO, 2003, p.20). Acreditava também na força que tinha sobre o rio, pois jogou um lenço colorido no rio para alegrá-lo e trazer boa sorte para Mariano. “O rio está tristonho que ela nunca vira. Lhe atira-ra aquela alegria. Para que as águas recordassem e fluíssem divinas graças.” (COUTO, 2003, p.21). Podemos perceber que ao mesmo tempo em que Miserinha parece uma personagem fora da realidade ela se utiliza da loucura para fugir da realidade “[...] sobre os desvarios de Miserinha. Dizia-se, por exemplo, que ela comia extracto de vidro. Acreditava que, ingerindo aqueles estilhaços, ficaria transparente.” (COUTO, 2003, p.147)

Miserinha, para fugir da condição de marginalizada, como dizia Admiração: “a velha gorda não era mais que uma sombra” (COUTO, 2003, p.147) utilizava de vários artifícios de feitiçaria, um momento com ciúme fez um feitiço sobre um crocodilo para destinar a morte da rival “[...] um crocodilo fora visto no encalço da canoa. O bicho, assim me disseram, seria de alguém. Imaginava mesmo de quem seria: Miserinha. A mulher detinha poderes.” (COUTO, 2003, p.234)

Abstinência é outro personagem que se utiliza da imaginação para fugir de um passado e/ou presente frustrado(s). A paixão por uma mulher casada fez com que Abstinência se isolasse do mundo e criar uma mentira, para iludir a si próprio sobre alguns acontecimentos na Ilha. Toda a vez que morria alguém, este assumia o nome do morto para tentar esconder para si que morreu alguém, uma forma de escape do sofrimento. “- É que, assim, acredito que nunca morreu ninguém.” (COUTO, 2003, p.119).

MISERINHA E TIO ABSTINÊNCIA: O VALOR SIMBÓLICO DOS NOMES

Miserinha é uma personagem enigmática e seu nome é uma antroponímia como ela mesma revela que esse foi dado por determinada circunstância: “Me chamo Miserinha. É nome que foi dado, mas não de nascença.” (COUTO, 2003, p.19). Pois o nome Miserinha remete a algo em pouca quantidade e ainda revela como característica uma personagem marginalizada “[...] ela se juntava aos muitos pedintes e percorria as grandes avenidas” (COUTO, 2003, p.137). Essa miséria da personagem não era apenas de bens, mas também da falta de atenção dos familiares e de amor.

A gorda Miserinha fora casada com um irmão de Dulcineusa, o falecido Jorojo Filimone. Quando o marido dela morreu, vieram familiares que Miserinha nunca tinha visto. Levaram-lhe tudo, os bens, as terras. Até a casa. Ela então ressuscitou esse nome que lhe tinham dado na adolescência: Miserinha. (COUTO, 2003, p.131).

Percebe-se no romance que os nomes dos personagens revelam a característica destes. De acordo com Cantarela (2011, p.116), “os nomes-personagens criados pelo autor moçambicano, ainda que afásicos e tresloucados, justamente porque encenam a condição humana marginal, apresentam-se com intenso poder de decifração do mundo.” Miserinha vive como pedinte da cidade e já não possui o amor do marido, que morrerá, e nem do amante, Dito Mariano, antes porque ele era um homem “de namoros”. Por ciúme de Miserinha com o marido Dito Mariano, Dulcineusa a afasta da família.

O amor a castigara, a vida não lhe oferecera presentes. O amor nos pune de modo tão brando que acreditamos estar

sendo acariciados. Miserinha perdera seu marido, Jorojo, não ganhara seu amante, Mariano. Agora, a velha gorda não era mais que uma sombra, alojada num quarto das dependências. (COUTO, 2003, p.147)

No romance a personagem do tio Abstinência também carrega em seu nome um significado de sua personalidade e forma de viver, pois ele se mostra como um sujeito isolado e renunciante da vontade de viver, mergulhado em uma profunda melancolia: “Abstinência se comporta em sua melancolia” (COUTO, 2003, p.19) isolando-se em casa, até do convívio com as pessoas. “O tio Abstinência [...] sempre assim se apresentou: magro e engomado, ocupado a trançar lembranças. Um certo dia, se exilou dentro de casa.” (COUTO, 2003, p.17). A abstinência do convívio em sociedade causou uma tristeza de uma vida nunca vivida. “Abstinência Mariano despendera a vida inteira na sombra da repartição. A penumbra adentrou-se nele como um bolor e acabou ficando saudoso de um tempo nunca havido, viúvo mesmo sem ter nunca casado.” (COUTO, 2003, p.17). O nome do personagem revela características que são inerentes, como a magreza, nos remete ao sujeito não só magro na estrutura física, mas sim um sujeito de poucas vivências que sente saudades de um tempo que nunca viveu. “Abstinência era magro por timidez: para ser menos visto.” (COUTO, 2003, p.119). O isolamento da vida gerava em Abstinência uma tristeza e inveja dos irmãos. Fulano Malta irmão do meio quando mais novo este abandonou tudo por um ideal, Fulano foi guerrilheiro na guerra civil em Moçambique, isso causava em Abstinência inveja. Já do irmão Último, sentia tristeza.

Abstinência era consumido pela tristeza. E pela inveja. Tristeza lhe dava o Mano Último. Inveja lhe causava seu irmão Fulano. Ele se acabrunhava de não ser corajoso como este irmão que abraçara uma causa, vestira uma farda e se batera contar a injustiça. Abstinência nunca seria capaz de sequer sonhar fazer metade daquilo que o mano Fulano empreendera. (COUTO, 2003, p.118-119).

O próprio Abstinência tinha consciência que seu nome tinha um valor simbólico, com isso ele passou a assumir nomes de pessoas mortas “[...] ele passou a mudar de nome. Como se o que trazia, por herança de batismo, já

não servisse. Meu tio assumia os nomes de todos os que faleciam.” (COUTO, 2003, p.119). Assim Catarella (2011, p.113) diz: “Além do nome que se recebe ou se adota por ocasião de um acontecimento significativo, a pessoa pode escolher também algum nome adventício, sem relação profunda com sua pessoa, podendo ainda abandoná-lo conforme sua vontade.”

O personagem é visto como sujeito que sofre ausência de convívio por vontade própria. Essa melancolia no personagem foi causada por uma paixão proibida que gerou a abstinência da vontade de viver: “Essa era a razão de tão antiga e acumulada melancolia. Meu tio, nos tempos, se incendiara de paixão mais que proibida. Mulher branca, esposa de gente máxima, um dos patrões da Ilha.” (COUTO, 2003, p.121-122). O amor proibido causou no personagem o isolamento da vida e uma desordem na qual tratava através da bebida e de mulheres, assim Abstinência criava a ilusão de estar vivendo. “Estar bêbado era a sua única emoção. A bebida lhe entregava um momento em que tudo se enteava, ao ponto de sentir outra vez vivo.” (COUTO, 2003, p.120). Quando Abstinência era indagado sobre o porquê da bebida e das mulheres, esse respondia que era uma forma de ir embora das mágoas: “Esta é a minha maneira de me ir embora, entende?” (COUTO, 2003, p.120).

O RIO, A TERRA E O HOMEM

O título do romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* é muito simbólico, pois a palavra rio que é uma metonímia de tempo e a casa é uma metáfora de terra. O nome de Marianinho remete a o rio e o tempo onde “Mar” água e “ano” tempo. Assim personagem-narrador tem como função fazer a união de duas gerações, através dos dizeres do avô Dito Mariano, o nome do personagem revela um antropônimo onde “Dito” retrata aquele que dita algo. E através de cartas que Dito Mariano faz recomendações a Marianinho como apaziguar os segredos e mistérios na Ilha de Luar-do-Chão, onde o passado é simbolizado pelo avô e as tradições e o presente pelo neto e a modernidade, remetendo outra vez ao tempo. Desta forma Silva afirma:

Marianinho expressa também a sensação de pequenez do seu próprio país, dividido, pelo rio, entre a cidade e a ilha. Esses

dois espaços marcam tempos distintos: a ilha é o lugar das tradições; a cidade, da modernidade. São dois universos que não se tocam: um povo de duas almas. (SILVA, 2010, p.150)

A Travessia realizada por Marianinho do rio Madzi em direção a Ilha de Luar-do-Chão iniciam o fim das desordens e feridas do passado na vida dos seus familiares, e através desse retorno Marianinho restaura a vida de sua família onde todos estavam morrendo por “desméritos do viver”, assim Dito Mariano faz uma comparação do neto com o rio: “Quando você nasceu eu lhe chamei de “água”. Mesmo antes de ter nome de gente, essa foi a primeira palavra que lhe deitei: Madzi. E agora lhe chamo outra vez de “água”. Sim, você é a água que me prossegue, onda sucedida em onda, na corrente do viver.”(COUTO, 2003,p.238). Assim, Mariano é comparado por seu avô ao rio que assume o papel de purificar, regenerar e dá a vida. Pois Dito Mariano o chama de água para dizer que este cumpriu seu papel em ajudá-lo a atravessar a fronteira da vida com a morte e a apaziguar a Ilha de Luar-do-Chão.

A casa no romance tem o sentido de refúgio, de mãe, de proteção e de lugar sagrado. Em alguns momentos a casa é metáfora de cultura, “O importante não é a casa onde moramos. Mais onde, em nós, a casa mora.” (COUTO, 2003, p. 53). Assim não importa onde moramos, mas onde a cultura em nós existe. Desta forma Nyumba-Kaya a casa dos Marianos que é vista como família. No segundo momento vemos a casa como analogia a terra no momento da morte. A terra no romance tem o papel de receber os mortos e onde as pessoas confiam os corpos dos ancestrais e a morada destes quando falecem. Podemos observar no trecho onde Marianinho fala: “E o túmulo do chefe de família como é chamado? De Yindlhu, casa. Exatamente a mesma palavra que designa a morada dos vivos.”(COUTO, 2003,p.86). Por isso não existe muita diferença em o avô Dito Mariano está morto, pois, Yindlhu é tanto morada dos vivos como túmulo do chefe da família.

A morte, portanto, ganha corpo no espaço da casa, que passa a ser o elemento de ligação entre a terra e os céus, entre o tempo perene e a eternidade – e, até o sepultamento que ocorrerá somente no final da narrativa, a Nyumba-Kaya será o abrigo temporário do corpo de Dito Mariano, como um túmulo.(SILVA, 2010, p.232)

As mentiras dos homens fazem com que a terra se feche para receber os mortos “Mas o chão fechar-se, isso nunca tinha sido visto. O empedrecer das areias era um castigo de que não havia memória.” (COUTO, 2003, p.201). Só o amor poderia fazer com que a terra “perdoasse” os desamores das pessoas da ilha e assim recebesse seus mortos. De acordo com Teixeira e Bezerra (2012) nas histórias de Mia Couto a terra é vista como uma mãe protetora:

Em seus contos e romances a terra figura como a mãe e protetora de todos que dela precisam. Temos um chão destruído pelas guerras, chão que é sagrado, pois irá guardar os mortos, terra que guarda os silêncios desses povos que seguem sem rumo num território imenso em tantas culturas, tantos modos de ser. (TEIXEIRA e BEZERRA, 2012, p.04)

A terra é a morada dos mortos por isso é mostrada como uma figura de proteção responsável por guardar os corpos dos ancestrais quando falecem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que a literatura é um importante instrumento da sociedade, pois através dela conhecemos o imaginário que faz parte da realidade individual e coletiva de cada homem. Por meio do romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, e através da importante função dos personagens do avô Dito Mariano e Marianinho, o primeiro, como ancestral e o segundo, como ligação da tradição moçambicana com a modernidade, é possível reconstruir aspectos culturais e ancestrais de um determinado povo. Por meio dos romances, o autor Mia Couto, busca na tentativa reviver o passado alguns exemplos que propiciam o anseio da reconstrução de uma nação, na esperança de futuro melhor, conhecendo o aspecto identitário múltiplo, por isso, a dificuldade de enquadrá-lo ou defini-lo.

Constatamos a relevância da literatura de Mia Couto para o conhecimento de sujeitos em formação de identidade, que podem ser comparados a uma Moçambique em reconstrução, não somente cultural, mas

enveredando na possibilidade de superar períodos conturbados, como os prejudicados pelas guerras e pelas tensões do colonizador.

A partir da análise da temática da morte na cultura africana no referido romance, percebemos que o significado da morte na cultura moçambicana é bem diferente do fatalismo e do materialismo. Ao reverenciar a ancestralidade ocorre a perpetuação, a continuidade de uma tradição que não se quer representar de forma ultrapassada, mas renovada e ressignificada como na relação entre o avô, Dito Mariano e seu neto, Marianinho.

O narrador-personagem revive as tradições, uma vez que carrega o respeito dos descendentes pelos ancestrais. Nesse contexto, Marianinho tem a responsabilidade de dar continuidade a cultura e a tradição na Ilha de Luar-do-Chão, herdada com a morte de seu avô, remetendo mais uma vez à tradição e à formação de culturas em Moçambique. Embora Marianinho se sentisse um sujeito de identidade diferente da sua terra natal, um “cidadino”, ele respeita o ancestral Dito Mariano, valorizando e respeitando a cultura da Ilha de Luar-do-Chão. Por outro lado, a loucura no romance simboliza uma forma de criar um presente aceitável para que os sujeitos marginalizados, presos nas frustrações do passado e /ou presente possam sobreviver às adversidades da vida, sem ter que passar pela realidade cruel.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Rosilda Alves. **Tradições e culturas (in) distintas**: O entrelugar em Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra, de Mia Couto. Odisseia, p. 38-50, 2012. Disponível: <em:www.periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/3546>. acesso em: 14 de jan. de 2014.

CATARELA, Antonio Geraldo. **Nomes divinamente humanos**: antroponímia na obra de mia couto. Revista Teoliterária V. 1 - N. 2 - 2º Semestre de 2011. Disponível em: <www.teoliteraria.com/.../116_143_txt06_nomes_divinames_humanos.> Acesso em 10 de jun. de 2014.

CHAVES, Rita: Apêndice do livro: **Contos africanos dos países de língua portuguesa**. Seleção e organização Rita Chaves. 1ª. Ed. São Paulo: Ática, 2010

COUTO, Mia. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

FERREIRA, Ana Maria Teixeira Soares. **Traduzindo Mundos: Os mortos na narrativa de Mia Couto**. 2007. Tese (Doutorado). Universidade de Aveiro. 2007. Disponível em: < ria.ua.pt/bitstream/10773/2869/1/2007001353.pdf>. Acesso em 14 de jan. de 2014.

FLEXA, Andreza dos Santos. **História e identidade: Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra, de Mia Couto**. Mulemba. Rio de Janeiro: UFRJ, V.1, n. 8, p.29 – 40jan./jul.2013.Disponívelem:<setorlitafrica.lettras.ufrj.br/mulemba/download/artigo_8_2.pdf>. Acesso em: 2 de maio de 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes louro. 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NASCIMENTO, Lidiane Alves do; RAMOS, Marilúcia Mendes. **A memória dos velhos e a valorização da tradição na literatura africana: algumas leituras**. Crítica Cultural (Critic), Palhoça, SC, v. 6, n. 2, p. 453-467, jul./dez. 2011. Disponível em:< linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/critica/060205.pdf.>acesso em:20 de maio de 2014.

SILVA, Ana Cláudia da. **O rio e a casa: imagens do tempo na ficção de mia couto**. São Paulo: Cultura acadêmica, 2010. E-book. Disponível em:<books.scielo.org/id/sx4bj/pdf/silva-9788579831126.pdf> acesso em: 10 de jun. de 2014.

TEIXEIRA, João Batista; BEZERRA, Rosilda Alves. **A Literatura de Mia Couto-oralidade e escrita:caminhos**, 2012. Disponível em:<www.gelne.org.br/Site/.../1514-JOÃO%20BATISTA%20TEIXEIRA.pdf >.Acesso em 14 de jan. de 2014.